

CENTRO DE ESTUDOS DE AQUISIÇÃO E  
APRENDIZAGEM DA LÍNGUA

Com certa freqüência nos meios acadêmicos ouvimos a afirmação segundo a qual o ensino só pode ser de boa qualidade se for subsidiado pela pesquisa.

Felizmente, em algumas Universidades ou em algumas Unidades de Ensino Superior, este discurso está começando a adquirir contornos de realidade.

Há poucos anos, alguns professores-lingüistas do Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras da PUCRS decidiram reunir discpulos e fundar o Centro de Estudos sobre Aquisição e Aprendizagem da Linguagem.

Esta área de investigação, que há algumas décadas vem recebendo a atenção de especialistas da linguagem dos países desenvolvidos, surge na PUCRS com destaque nacional. Em pouco tempo, impõe-se o grupo de estudiosos do CEAAL, graças à

seriedade imprimida nas atividades de pesquisa.

Os ANAIS DO I ENCONTRO NACIONAL SOBRE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM constituem, não só uma prova do que acabamos de afirmar, mas sobretudo um material de leitura ou consulta obrigatória para todos aqueles que buscam compreender mais adequadamente o processo de aquisição da linguagem pela criança.

Neste documento, o leitor encontrará textos de renomados pesquisadores nacionais e internacionais, tais como o texto de CAROL STOEL GAMMON (Universidade de Washington): *Tendências atuais nas pesquisas sobre aquisição da linguagem* e o de CLAUDIA LEMOS (Universidade Estadual de Campinas): *Uma abordagem sócio-construtivista da aquisição da linguagem: um percurso e muitas questões*, entre outros.

DOS AÇORES, UM CONTRABANDO ORIGINAL

Luiz Antonio de Assis Brasil  
PUCRS

1. Seria importante, no momento em que nos propomos a tratar de um autor dos Açores, fixar de maneira completa a atitude estético-ideológica da moderna literatura do Arquipélago. A exigüidade do espaço, contudo, nos remete a uma reflexão única, e sob a qual desenvolveremos este trabalho. Excluem-se, assim, alguns aspectos que não ousaríamos chamar de secundários, mas complementares, e que poderão servir ulteriormente a um estudo mais pormenorizado. Cingir-nos-emos por ora a um tema que não é estranho a nós, latino-americanos, e que se refere à necessidade de *nominação* da terra, uma espécie de *leitmotiv* dos nossos escritores, necessidade esta que percebemos também entre os autores açorianos(1). Por início, um conceito.

2. Os conquistadores espanhóis — e até em certa medida Pero Vaz de Caminha — maravilhados pelo que enxergavam à sua frente, viram-se às voltas com um problema inesperado: como relatar a seu rei a riqueza, o colorido e a extravagância do solo americano? Como designar, por exemplo, aquela imensa árvore? Como falar daquele pássaro absolutamente desconhecido? A natureza apresentava-se em toda sua força ancestral e selvagem, com imensas regiões não tocadas pelo homem e que ali repousavam desde a Criação. Em alguns relatos desses pioneiros percebe-se nitidamente o percalço descritivo, a ponto de um deles exclamar, ao final de uma carta, que muito mais diria ao monarca, se não lhe faltassem as palavras apropriadas para tal. Esta perplexidade, ocorrida em um momento em que a Europa vivia

o pleno Renascimento, e quando já se estruturavam as formas lógicas da expressão em códigos mais ou menos universais, gerou a premência da *nominação*, isto é, era preciso que se conquistasse, pela via literária, aquilo que se começava a conquistar pelas armas. Em outras palavras, era preciso que a realidade fosse contemplada com designações próprias, que muitas vezes fugiam dos padrões europeus.

3. Entende-se que a literatura latino-americana tenha esse vezo de dizer aos outros o que lhe é característico, e ainda mais: revelar a América Latina a seus próprios habitantes, num propósito que acabaria por colorir-se de um forte matiz ideológico. E desde os primórdios assim foi; para concentrarmo-nos apenas no presente, é fácil perceber esta ótica nas obras de autores como Alejo Carpentier, Garcia Márquez, Roa Bastos, Vargas Llosa, Jorge Amado ou Érico Veríssimo. Em todas elas perpassa essa intenção que, para além de ser *documental*, tem a função de nomear a realidade. E *nomear* significa mais do que documentar. Enquanto o documento limita-se a um registro, a nomeação vem carregada de intenções políticas e estéticas. Para ficarmos apenas na obra do autor gaúcho, percebemos que *O Tempo e o Vento* apresenta esta marca: num embricamento saudável entre os aspectos físicos, geográficos, humanos e sociológicos, Érico não apenas relata a história de duas famílias sulinas ao longo de dois séculos, mas coloca-se na perspectiva de quem deve *designar* o solo rio-grandense, estabelecer a dimensão das coxilhas as metáforas do minuano ou a crueldade das guerras. É, no fundo, uma busca ontológica, de resto compartilhada pelos seus colegas de ofício.

4. Pode-se entender, por estas razões, a prevalência e magnitude que assumem o romance de fundo histórico nestas regiões. E não nos referimos tão-somente ao romance de reconstituição histórica, mas o que tem o histórico como cenário. O referido Alejo Carpentier, em entrevista dada em 1980 ao jornal parisiense *La Quinzaine Littéraire* dizia: "El pasado gravita terriblemente sobre el presente del hombre latinoamericano. Después de sus guerras de independencia, toda America vive em función del proceso político. En México, y a lo largo de todos los Andes, el hombre de hoy se codea diariamente con hombres que todavía hablan lenguas de antes de la Conquista"(2).

Esta presença do passado como algo vivo é talvez a marca mais forte da literatura latino-americana.

5. A cultura açoriana apresenta os mesmos sintomas, embora a etiologia não seja rigorosamente a mesma. Vivendo uma situação periférica até há bem pouco, os Açores têm o estigma da *insularidade*, que seria ao mesmo tempo um fator de *isolamento* (não é por nada que os radicais são idênticos) e de busca de abertura para o mundo. Duas forças bem claras: a centrípeta, que faz reavaliar seu arcabouço cultural e preservá-lo, e a centrífuga, que leva à emigração em massa, à busca da comunidade internacional. O ancoramento ideológico, o fator de estabilidade entre estes dois vetores está, sem dúvida, no maior conhecimento e re-velação dos traços distintivos da cultura autóctone. E esta tarefa igualmente *ontológica* passa, necessariamente, pela *nominação*, isto é, pela procura de uma identidade distintiva. Assim tem sido desde as primeiras manifestações literárias, que podemos remontar à obra clássica *Saudades da Terra*, de Gaspar Frutuoso, natural das Ilhas, e que em pleno século XVI escreveu seu livro com uma inegável intenção de designar a natureza e o povo do Arquipélago, passando pela etnografia e pelo imaginário popular. Um dos maiores nomes da literatura açoriana, Vitorino Nemésio, mormente em *Mau Tempo no Canal* (1944) partilha este mesmo propósito. O recentíssimo *best-seller* de João de Melo — açoriano da Achadinha, Ilha de São Miguel — denominado *Gente Feliz com Lágrimas* (1988) é um exemplo atual do que falamos. O sucesso de seu livro no Continente, que o colocou várias semanas na parada de sucessos, ao lado de uma Augustina Bessa-Luís, mostra, à parte da vitalidade da literatura dos Açores, o apelo que o exótico pode significar. Muito mais do que isso, *Gente Feliz com Lágrimas* mostra, a evidência, a mesma intenção de *nominar*, pois são abundantes e minuciosas as descrições do solo e da gente açorianas, entremeados com a fatalidade da emigração.

6. Antes deles, porém, um outro escritor contemporâneo escreveu uma obra significativa com o mesmo tom e que se não teve — ainda — a repercussão do romance de João de Melo, certamente encontra seu lugar no primeiro plano da literatura portuguesa. Referimo-nos a José Martins Garcia(3) e a obra é *Contrabando Original*(4).

7. Trata-se de uma narrativa em primeira pessoa, o que poderia conferir-lhe algum traço de autobiografismo, embora isso não seja relevante. Dividida em pequenos capítulos e três partes, os fatos se sucedem em ordem cronológica e contam, *grosso modo*, a trajetória do protagonista, Miguel Rafael — o mais novo de uma série de oito irmãos — desde a morte do pai até à maturidade. O cenário principal é um lugar de oitocentas almas: Monte Brabo, na Ilha do Pico, vizinho à Vila da Calheta. A narrativa é construída pelo herói em um tempo pretérito aos acontecimentos, o que significa que as lembranças vêm filtradas pelos valores e perspectiva de um narrador já amadurecido e que pode estabelecer juízos, o que é capital para a perspectiva do presente estudo.

8. Uma linguagem elaborada ao requinte, evada de incursões poéticas e onde não falta, em certo instante, o fluxo de consciência, situa a casa paterna entre as lembranças definitivamente líricas:

"A casa onde nasci, de qualquer ângulo que a reconstrua, cheira a naufrágio, como o ar marinho entrando pelo peito dorido. A casa onde brinquei... isso é caso perdido, um filme irrepetível, uma doença. Era em esquadria, deve ter resistido ao vento e à chuva, e contudo já não existe". (p. 24).

Aliciado para o sacerdócio, Miguel Rafael teve uma infância onde a grande deusa tutelar era a mãe, criatura entregue ao luto, ao preconceito e ao caráter amargo. Vítima da intolerância materna, o protagonista enfrentou também os irmãos, igualmente marcados. A uni-los(?), apenas aquilo que o narrador chama de "a lenda de José Rafael", o finado pai, homem pusilânime e que não serviu para estabelecer nenhuma espécie de modelo. À parte esse espectro familiar neurótico, havia avós, tias, primos... uma legião de seres autofágicos e infelizes vivendo uma história sem enredo ou alegria.

A modernidade irrompe em Monte Brabo através da visita de três tios *amarkianos* (americanos). Dois progrediram e fizeram fortuna; um terceiro vinha à terra dos penates carregando a condição de *bamba*, isto é, de açoriano de Betefete (New Bedford), uma espécie de pária. Os dois enriquecidos trouxeram, para além das *dola* (dólares), as máquinas fotográficas e a necessidade de banho diário. Na

visão irônica do autor, esse banho acabou por estabelecer uma surda luta de classes no seio da família. A agravar a situação, os tios casados traziam suas esposas, portadoras de um estilo de vida rigorosamente díspar com o pequeno mundo de Monte Brabo e por isso acabaram rechaçadas pelo estamento familiar. De permeio, a festa do Divino Espírito Santo, o qual

"Socorria os aflitos, fertilizava os campos, protegia contra os tremores de terra, lançava a inefável bênção sobre os fiéis; mas era uma Divindade exigente, intransigente em questões de honra, vingativa com os tibios, os faltos de palavra, os esquecidos das promessas juradas em situações de aperto". (p. 55).

Os tios vinham da América a cumprir um ritual de vassalagem a esta entidade ancestral, e que lhes conferia um lugar no mundo: nem tão *amarkianos*, nem tão insulares. O Divino os unia no mesmo rito.

9. A religiosidade, aliás, desempenha um papel central na narrativa, permanecendo incólume à onda modernizadora; mas se trata de uma religião opressiva e terrível, povoada de recriminações e medos. Assim, o Menino Jesus possuía na mão um globo, encimado por uma pequena cruz: no dia em que a cruz se invertesse, o mundo acabava. Mas a nomeação continua... O texto refere-se às cantorias de Natal e Ano-Novo, às festas de São João, aos tremores de terra, à chegada da "luz incandescente" e ao posterior surgimento da luz elétrica na Vila da Calheta, que contemplava apenas aos *ricos*.

10. O ciclo da vida em Monte Brabo é entretanto, uma *psamaceira*:

"O Ano Novo não era um novo ano; era uma cantoria igual à de todos os anos. Todos os anos se matava o porco, o mesmo porco. Todos os anos nascia o mesmo Menino Jesus depois das mesmas novenas. E todos os anos, sem esperança de escapar ao destino, o Menino nascia, ia ao Templo dar lições aos Doutores (e os mesmos Doutores nunca aprendiam a lição; estavam sempre em estado de ignorância e o Menino ensinava-lhes inutilmente a lição de sempre), pregava, aturava

o Demônio e suas tentações, era vendido por Judas, negado por Pedro e morria na cruz, entre dois ladrões." (p. 51).

Talvez este seja o registro mais importante: a regularidade com que a vida escorria pela rua Direita (a única) e pelo destino do protagonista. A motivá-lo, em tempos precoces, a expectativa do seminário, que representava talvez a única possibilidade de mudança. O emprego no Café Insular, conseguido a troco de um salário miserável, revelou-lhe entretanto a personalidade do proprietário, Jeremias Rodrigues, possivelmente a personalidade original em toda a trama: possuía uma biblioteca com três mil livros e desaparecia por longos e misteriosos períodos americanos, de onde ressurgia com relógios contrabandeados, muitos dos quais sem máquina. Jeremias Rodrigues tinha idéias próprias, uma espécie de consciência da pequenez da região:

"Estas ilhas ainda estão cheias de tribos. Se um dia chegasse um Fernando Cortez, dava-se uma catástrofe semelhante à do tempo dos conquistadores. Não haja dúvida! A maioria da população desta ilha, por exemplo, vive no século XV". (p. 143).

Ou então destilava seus juízos contra os portugueses:

"Os portugueses, aliás, são uns teóricos em todos os aspectos. Não têm a mínima noção de eficácia. Falo dos portugueses evoluídos e não em populações que estagnaram, que ainda estão no tempo dos Afonsinhos". (p. 142).

Assim, Jeremias Rodrigues é um ponto de referência para Miguel Rafael, uma espécie de abertura para o mundo, que o fazia esquecer e relativizar os *habitués* do Café Insular; o médico, os "fregueses do cuspo" (que nada gastavam) e o padre, que vinha ensinar o Latim e beber seu copito de vinho branco.

Alguns fatos, entretanto, aconteciam: em primeiro a morte da mãe, narrada da maneira brutal:

"Nossa mãe teve outra crise de nervos. Meteu-se no quarto com seu turbante de vinagre e seu penico esmaltado que, em casos tais, lhe resolvia as necessidades sólidas e líquidas, conservado todo o tempo debaixo da cama.

À noite Fernando entrou no quarto e disse:

— Porca!

Nossa mãe respondeu:

— Assassino!

E entregou a alma. Não sei a quem". (p. 122).

Depois, veio a transferência de um irmão para o Canadá; entretanto, aconteciam as investidas amorosas do herói, sempre problemáticas, pois as culpas impediam-no de uma relação eficaz e madura. Assim foi com Marieta, com Isabelinha, com Maria Pilrita, as quais se perderam nos desvãos da memória. A personalidade de Jeremias Rodrigues impelia o protagonista ao devaneio da emigração:

"Se... Se eu conseguisse fugir do cárcere ilhéu, se eu conseguisse alcançar Boston ou Nova Iorque. Se eu pudesse, ao menos, sumir-me em Lisboa..." (p. 173).

Monte Brabo, a ilha do Pico e os Açores viviam uma crescente descaracterização:

"A juventude já não sabia, nem queria saber, da chamarrita, das vozes do mandador, do fecha-roda e outras complicações. Agora cada qual tinha o seu par agarrado durante a marchinha, o tango, o bolero, a valsa, o foxtrote". (p. 176).

O cárcere torna-se insuportável.

12. A salvação ocorre de modo inesperado: certa noite Miguel Rafael descobre na biblioteca de Jeremias Rodrigues — então ausente sabia-se lá por quanto tempo — um maço de notas de dólares, o suficiente para uma passagem para a América. Numa transposição fantástica, que deixa muito a pensar para o leitor, vemos o protagonista já em Lisboa, refratário à guerra colonial e vivendo em um ambiente boêmio, às voltas com a viúva prostituta Aurora e seus amigos. Lisboa, ao que parece, não chega a preencher as necessidades emergentes; vemo-lo logo em seguida nos Estados Unidos, onde assume, em fantasia ou realidade, a pele do ator Paul Martin, no filme *Slaughter*, de Peter Huston.

Nesta terceira parte surgem outros narradores em primeira pessoa, como um cônsul português furibundo por ser confundido com

um certo Jeremias Rodrigues, contrabandista e mau-caráter; aparece também um professor de Latim que declara "sim, nasci numa ilha e perdi-me no mundo". Na verdade, todos estes narradores finais são o mesmo e único narrador original, numa fusão de vozes ficcionais que representam talvez a multiplicidade de anseios indefinidos de Miguel Rafael. Seja qual for o partido que tomemos para justificar esta acumulação de narradores, exsurge incontestemente o desejo do autor em estabelecer um retrato da *anima*, açoriana, que vai desde a descrição da paisagem física e humana até a compreensão do que seja o fenómeno emigratório, perpassando por todas as contingências psicológicas do viver insular. Neste sentido, o texto de Martins Garcia é exemplar desta *intenção nomeadora* a que nos referimos no início e que preocupa igualmente os escritores da América Latina. Os autores de Portugal continental, tendo já sua terra suficientemente conhecida e revelada por uma literatura milenar, voltam-se agora para temas em que são mais evidentes as indagações de natureza política e de introspecção.

13. É impossível arrematar estas observações sem destacar a prodigiosidade verbal do texto de Martins Garcia, que a cada passo nos apresenta uma surpresa. A cada período instaura-se uma verdade, e sempre diversa da anterior. Toda narrativa de *Contrabando Original* é incomum, seja pelo contraste dos planos ficcionais, seja pelo retrato límpido das personagens, seja pela visão satírica da realidade. Como se percebe, há inúmeros outros aspectos desta obra que estão a exigir um estudo em profundidade, pelo que nossa ótica, deliberadamente limitante, termina por revelar-se mesquinha para abranger um romance de tal complexidade e força. Contudo, algo é certo: é uma obra das mais importantes da moderna ficção de língua portuguesa, e que está a merecer a urgente atenção de críticos e professores.

#### NOTAS

1 - A Região Autónoma dos Açores compreende nove ilhas: Santa Maria, São Miguel, Terceira, Pico, Faial, Graciosa, São Jorge, Flores e Corvo. O Arquipélago situa-se em pleno Atlântico Norte, a um terço da rota entre Lisboa e Nova Iorque. Sua população total é de 252.000 habitantes e a sede do Governo

Regional fica em Ponta Delgada (Ilha de São Miguel). O povoamento deu-se a partir do século XV. Sua economia dominante volta-se para a agropecuária e laticínios.

2 - *Entrevistas* - Alejo Carpentier. Editorial Letras Cubanas. Havana, 1985.

3 - José Martins Garcia nasceu na Ilha do Pico em 1941. Em 1966 foi mobilizado para a Guiné-Bissau. Exerceu o magistério superior em Portugal continental, França e Estados Unidos. Doutor em Letras, é atualmente professor junto ao Departamento de Línguas e Literatura Moderna na Universidade dos Açores. Obras - Romance: *Lugar do Massacre* (1975), *A Fome* (1978), *O Medo* (1982), *Imitação da Morte* (1982); contos: *Katafaraum é uma Nação* (1974), *Alecrim, alecrim aos Molhos* (1974), *Revolucionários e Querubins* (1977), *Receitas para Fritar a Humanidade* (1978), *Morrer Devagar* (1979), *Contos Infernais*; poesia: *Feldegato Cantabile* (1973), *Invocação a um Poeta e outros Poemas* (1984), *Temporal* (1976); teatro: *Tragédia Exacta* (1975), *Domiciano* (1987); antologia: *Poesia Portuguesa Erótica e Satírica* (1975); ensaio: *Linguagem e Criação* (1973), *Cultura, Política, Informação* (1976), *Vitorino Nemésio* (1978), *David Mourão-Ferreira* (1980), *Temas Nemesianos* (1981) e *Fernando Pessoa: "Coração Despedaçado"* (1985).

4 - Garcia, José Martins. *Contrabando Original*. Lisboa: Vega Ltda. Coleção O Chão da Palavra/prosa. S. data.